

 dia 1

Na primeira noite do meu regresso a Star Lake, a Julia Donnelly decora a fachada da minha casa com ovos partidos, e é assim que fico a saber que toda a gente ainda se lembra de tudo.

— Que receção calorosa — diz a minha mãe, depois de chegar ao relvado e se colocar ao meu lado, observando a gosma amarela a contrastar com o lilás vitoriano das paredes da casa. Todas as janelas estão cobertas com gema de ovo. Há cascas de ovo nos arbustos. Ainda são 10:00 de uma ensolarada manhã de verão e já cheira a podre, a enxofre e a cozido. — Devem ter esgotado o *stock* de ovos do hipermercado.

— Podes parar? — O meu coração está a mil à hora. Esquecera-me, ou pelo menos tentara, de como era antes de fugir daqui há um ano: o reino de terror da Julia, construído com uma precisão cruel para me levar à justiça por todos os meus pecados capitais. Sinto os pés peganhentos dentro das minhas botas de atilhos. Olho sobre o ombro para a longa e ventosa rua adormecida, talvez esperando vê-la passar no antigo *Bronco** dos pais, para admirar a sua mais recente obra-prima. — Onde está a mangueira?

— Oh, deixa lá isso. — A minha mãe, claro, está completamente despreocupada. Abana a sua cabeleira loira e encaracolada para me fazer ver que estou a exagerar. Nada é preocupante para a minha mãe: podia ter sido o Presidente dos Estados Unidos a encher-nos a casa de ovos, ou a casa podia ter *ardido completamente*, que continuava

* Automóvel produzido pela Ford. (*N. do T.*)

a não dar importância ao assunto. É uma boa história, costumava ela dizer quando me queixava de qualquer tipo de injustiça, por exemplo quando ficava de castigo ou quando era escolhida em último lugar no basquetebol. *Lembra-te disto mais tarde, Molly. Ainda vai dar uma boa história.* Nunca me ocorreu perguntar-lhe qual de nós as duas a contaria. — Vou ligar ao Alex para vir limpar isto logo à tarde.

— Estás a brincar? — digo-lhe, com a voz a subir de tom. Sinto a cara vermelha e inchada, e tudo o que desejo é ficar tão diminuta quanto humanamente possível: do tamanho de uma partícula de pó, do tamanho de um grão de areia. Mas nem pensar que vou deixar o faz-tudo da minha mãe limpar a omeleta semicozida da fachada da minha casa só porque todos pensam que sou uma puta e me querem lembrar disso. — Vou repetir, mãe: onde está a *mangueira*?

— Olha lá esse tom, Molly. — Abana a cabeça resolutamente. Algures entre o ovo e a relva, consigo sentir o seu aroma; um perfume com essência de lavanda e sândalo que usa desde que nasci. Não mudou nada desde que saí daqui: os anéis de prata em cada um dos dedos, o casaco fino preto e as calças de ganga gastas. Quando era pequena, achava que a minha mãe era a mulher mais bonita do mundo. Sempre que ia de viagem para apresentar os seus romances gigantescos nas livrarias de Nova Iorque, Chicago e Los Angeles, eu costumava deitar-me de barriga para baixo na sala de estar dos Donnelly a olhar para as fotos de autora na contracapa de todos os seus livros. — Não me culpes. Não fui eu quem te fez isto.

Viro-me para ela, no relvado deste sítio a que nunca mais quis regressar, nem daqui a milhão de anos.

— Quem queres que *culpe*, então? — pergunto. Por um segundo, permito-me recordar o sentimento gélido e doentio de ver o artigo na *People* pela primeira vez, no mês de abril do meu 11.º ano, juntamente com as partes mais indiscretas e sumarentas do romance e uma reluzente foto da minha mãe inclinada sobre a sua secretária: «o último romance de Diana Barlow, *À Deriva*, é baseado na história da relação complicada da sua filha com dois vizinhos». A sensação avassaladora no meu peito, estômago e coluna vertebral de que, a partir daí, toda a gente saberia a minha história. — Quem?!